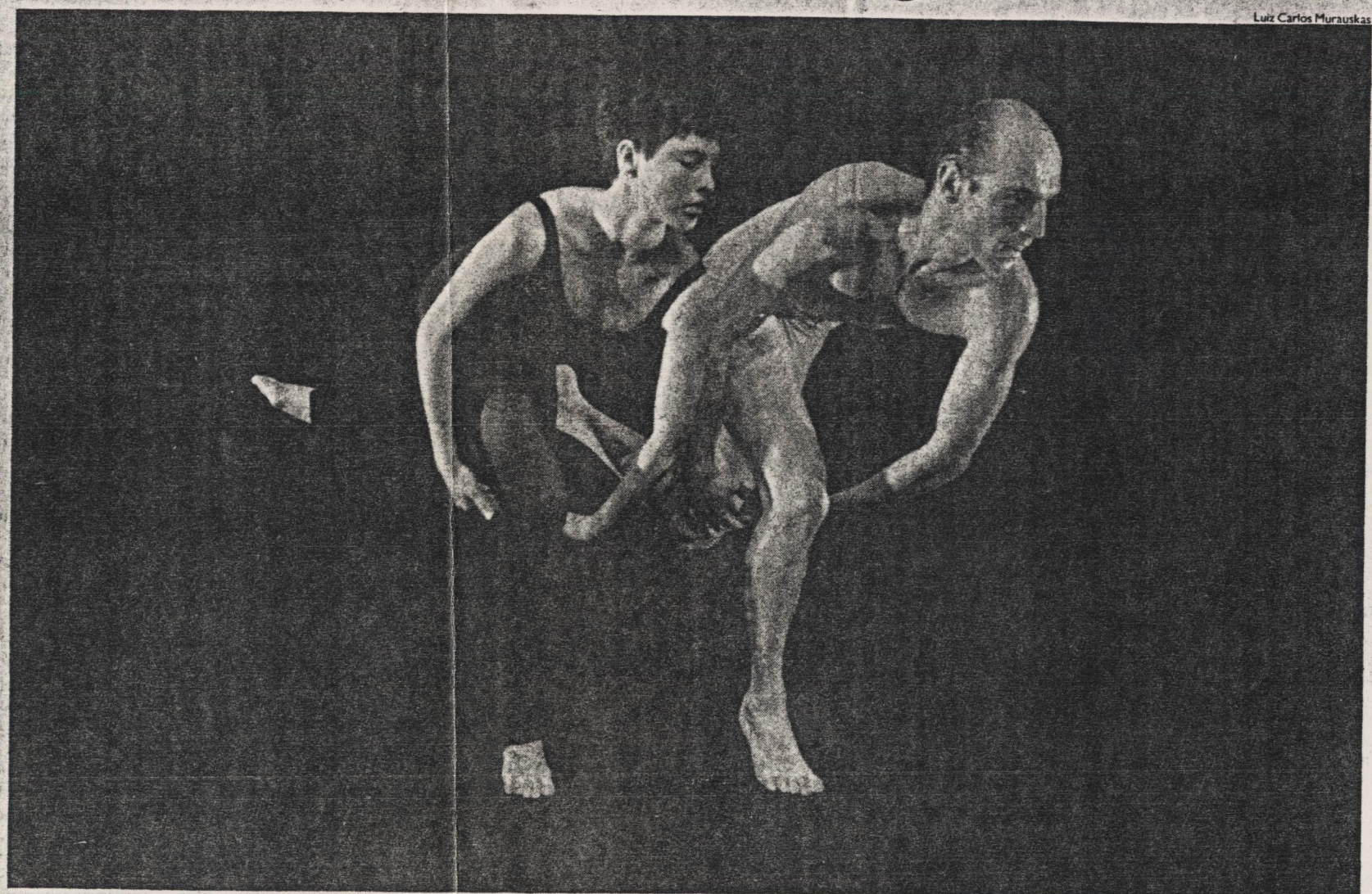
P39.90

ACONTECE

DANÇA/CRÍTICA

Falta talento aos novos coreógrafos de São Paulo

ERIKA PALOMINO
Editora-assistente da Ilustrada



Luiz Carlos Murauskas

Wilson Aguiar e Cheila Ferlin em "Fractal", coreografia que utiliza elementos de teatro-dança, na mostra Movimentos de Dança, no Sesc

Boa vontade só não basta. A julgar pela mostra Movimentos de Dança, que terminou anteontem no Sesc Vila Nova, o que falta mesmo é talento. Algumas peças tinham um bom roteiro, outras eram plasticamente bonitas. Mas o resultado final não tinha qualidade suficiente.

Não que todas as coreografias fossem totalmente ruins. Só que é preciso um pouco mais de habilidade para amarrar os elementos em cena, e isso não se desenvolve da noite para o dia. Daí a importância de um festival como esse do Sesc. Mesmo com tropeços, é assim que se evolui.

Uma tendência que sobressaiu na mostra foi a teatralidade. Dos 13 novos trabalhos apresentados, mais da metade descambava para situações dramáticas. Ecos da passagem de Pina Bausch pelo Brasil? Nada contra, mas dramatizar uma cena é mais que colocar um pouco de cenografia no palco, como fizeram alguns grupos.

O festival começou dia 13 com "Vitrine", um solo de Eliane Cavalcante. Apesar da idéia de mulher-manequim ser manjada, poderia suscitar uma movimentação rica. Mas o resultado foi uma série de clichês coreográficos, que não se romperam nem quando a manequim vira mulher.

"Hole", de Claudia de Souza, foi um dos melhores momentos. Bailarinos expressivos, movimentação Graham sem aprisionamentos, cena ágil, bom aproveitamento do espaço cênico e música adequada. Foram 10 minutos de dança, que só decaíram quando tentou-se criar uma situação dramática, com os dançarinos "se estranhando".

"Flertes e Blefes", de Claudia Rydlewski, trouxe uma proposta interessante, prejudicada pela fragilidade do texto sobre o qual ela dançava. A coreografia crescia quando Claudia explorava estereótipos de comportamento feminino.

Flavia Marioto fez em "Suíte para Garfo e Faca" uma peça basicamente teatral, com cara até de Gerald Thomas. Luzes amarelas, roupas em tons sépia etc. Mas a parte do movimento deixou a desejar. "Solo", de Armando Duarte, não encontrou em Viviane Calvitti uma boa intérprete. Tecnicamente correta, mas sem consistência dramática. A coreografia também não evoluiu, atrapalhada por clichês como cigarro, cadeira, paletó branco e sutiã, e por convenções do próprio estilo em que Duarte escolheu trabalhar.

O segundo programa foi um dos mais fracos. "Queixa", de João Dalgalarrondo, não deveria nem ter sido incluído na mostra. Seu trabalho de corpo é de um amadorismo e ingenuidade que chegou a constranger. Falta técnica e senso crítico às bailarinas. Só se salvaram os músicos e a cantora, perdidos na confusão de panos e risos histéricos. "Segunda-Feira", de Vera Sala, ia bem, com uma proposta de movimentação a partir de uma mulher com uma mala. Mas na hora em que ela tirou os sapatos e investiu no lado teatral, a coreografia desandou.

"La Fiancée Solitaire" fez força na cenografia, mas não passou de um exercício de narcisismo de Veronica Fabrini e Monica Sucupira. Excesso de elementos cênicos para pouca —e fraca— movimentação. Mas teve um momento genial: uma velhinha sai da platéia e sobe ao palco para jogar arroz na noiva.

"Fráctal" provou o talento de Wilson Aguiar. Percebe-se que é um trabalho ainda em evolução, mas há por baixo muita capacidade coreográfica e interpretativa. A figura de Wilson impressiona em cena e Cheila Ferlin é uma bailarina graciosa e sensual. Ponto positivo.

A última noite dos novos teve "Um Pequeno Teatro", de Sandro Borelli. Ele trabalha no estilo da companhia a que pertence, o Balé da Cidade, mas não obteve a mesma qualidade. Figurinos ruins, outra enxurrada de clichês coreográficos, nada de novo. "Criatura", de Paulo Roberto Ramos, até quer ser inovador, mas não consegue. A interpretação lembra um Antonio Nóbrega sem fantasia. Erra no figurino. Deveria estar de "leotard".

"Catar" tem bons momentos em grupo, movimentação redonda e original. Iluminação e figurinos corretos. Os coreógrafos são Lia Rodrigues e João Viotti Saldanha, do Atelier de Coreografia do Rio de Janeiro. Encerrou a última noite do programa "Cantos", em que Patricia Noronha exercita seu lado Sankai Juku, mostrando movimentos bem-trabalhados na peça mais aborrecida do festival.

MOVIMENTOS DE DANÇA - Mostra no Sesc Vila Nova encerrada anteontem.